

Apresentação

A *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, abre seu volume 5, número 1 (janeiro-junho de 2015), com o dossiê “Violência, crime e teoria social”, organizado por Jacqueline Sinhoretto. Os cinco artigos que o compõem exploram evidências empíricas e conceitualizações para a compreensão de processos históricos e relações de poder para compreender o crime a violência na América Latina.

Abrangendo autores de universidades do México, da França e do Brasil, o dossiê reúne importantes contribuições para o campo dos estudos sobre violência, criminalidade e segurança pública. No texto que abre o dossiê, Angelina Peralva, em “Questão de drogas e de mercados”, aborda a construção do comércio de drogas ilegais como um mercado transnacional, destacando seu entrelaçamento com a economia legal e os mecanismos que o constituem como parte de uma economia globalizada, articulado a novos fluxos transnacionais de pessoas, mercadorias e capitais.

No segundo texto, “Vigilancia de genero en las sociedades latinoamericanas”, Arturo Alvarado explora concepções de masculinidade violenta que emergem das relações de jovens (homens e mulheres) latino-americanos com a polícia, e outros diferentes tipos de violência (verbal, física, psicológica, simbólica e sexual) presentes nas interações desses jovens com policiais.

Na sequência, “Alternativas penais no Brasil após 1984 e seus efeitos: uma análise a partir de discursos sobre crime e punição”, Guilherme Augusto Dornelles de Souza e Rodrigo Ghiringhelli analisam as propostas de alternativas penais produzidas por instâncias oficiais brasileiras desde a década de 1980, problematizando que tais alternativas não se construíram em oposição ao cárcere, mas sim numa relação de coexistência, continuidade e funcionamento recíprocos.

No texto “A teoria social feminista e os homicídios: o desafio de pensar a violência letal contra as mulheres”, Ana Paula Portella e José Luiz Rattton discutem a violência letal contra mulheres a partir de conceitos como violência de gênero, patriarcado, femicídio e terrorismo íntimo, mapeando diferentes visões nos estudos feministas sobre o enfrentamento à violência letal.

Fechando o dossiê, Jacqueline Sinhoretto e Renato Sérgio de Lima, em “Narrativa autoritária e pressões democráticas na segurança pública e no controle do crime”, exploram a partir de estatísticas de homicídio, letalidade policial e encarceramento a discriminação produzida pelo policiamento e pela justiça

criminal, especialmente de jovens e negros, apontando para a construção de uma política de segurança pública segregadora.

A seção de artigos abre com o texto “Da desigualdade à diferença: direito, política e a invenção da diversidade cultural na América Latina”, no qual Sérgio Costa analisa criticamente políticas públicas latino-americanas voltadas para minorias culturais, inseridas na perspectiva do multiculturalismo liberal, apontando para suas limitações teórico-políticas, entre as quais a noção essencialista de identidade cultural e a “miopia para os nexos entre identificações culturais e desigualdades sociais”. Entre as políticas analisadas pelo autor está a legislação brasileira voltada para a proteção de populações quilombolas.

No texto seguinte, “Drogas e justiça criminal em São Paulo: uma análise da origem social dos criminalizados por drogas desde 2004 a 2009”, Marcelo da Silveira Campos analisa os impactos da lei 11.343/06, conhecida como Nova Lei de Drogas, no que se refere aos mecanismos de poder nas práticas estatais na administração de conflitos. Essa análise é feita com base na compilação de ocorrências registradas em dois distritos policiais da capital paulista, Santa Cecília e Itaquera, entre os anos 2004 e 2009, mapeando a composição social dos indivíduos criminalizados por uso e tráfico de drogas. Os dados apontam para uma intensificação do encarceramento por esse tipo de delito, centrado majoritariamente nos segmentos mais empobrecidos e menos escolarizados da população.

Teresinha Bernardo e Regimeire Oliveira Maciel discutem, em “Racismo e educação: um conflito constante”, a presença de formas de racismo no cotidiano escolar, a partir dos relatos de alunos e professores de cinco escolas estaduais de São Paulo. O pano de fundo da discussão é o contexto de implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura africanas e afro-brasileiras. As autoras demonstram as dificuldades dessa implementação, passando por problemas na formação dos profissionais, lacunas e falta de consenso nos materiais didáticos e dificuldades de reconhecimento das formas de atuação e dissimulação do racismo.

No artigo “Carmen Miranda e a performatividade da baiana”, Fernando de Figueiredo Balieiro analisa a trajetória da carreira nacional e internacional dessa artista a partir do conceito de performatividade de Judith Butler. Ao discutir as *performances* e interpretações de Carmen Miranda, problematiza como ela, ao representar a baiana, a mulata e a mulher latino-americana, nos sentidos próprios da “colonialidade”, ao mesmo tempo subvertia esses papéis. Assim, a trajetória artística de Carmen Miranda é trabalhada pelo autor com a marca de uma “cumplicidade subversiva” aos estereótipos coloniais.

Fechando a seção de artigos, o texto “Dominação’ evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono”, de Nina Rosas, traz uma análise da atuação dos evangélicos a partir da música, discutindo ações da banda *gospel* brasileira Diante do Trono, cobrindo gravações de *shows* da banda, o posicionamento político do grupo no contexto do governo Dilma e seu engajamento em ações assistenciais, e a forma como essa atuação reflete a apropriação e a transnacionalização da corrente doutrinária conhecida como Teologia do Domínio/Teologia do Reino. A autora se baseia em evidências geradas a partir de entrevistas e observação participante realizadas no Brasil e nos Estados Unidos entre 2011 e 2014.

Na seção de resenhas, Amurabi Oliveira apresenta o livro *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*, de José Reginaldo Prandi, obra que discute as religiões mediúnicas no Brasil, especialmente o kardecismo, analisando tanto sua origem quanto seu desenvolvimento, seus conflitos em nosso país e sua relação com a umbanda.

O Comitê Editorial se despede do editor Richard Miskolci agradecendo a contribuição e a dedicação à revista nos últimos quatro anos. O Comitê agora dá as boas-vindas a Fabiana Luci de Oliveira e Syntia Alves.

Boa leitura!

Comitê Editorial
*Jorge Leite Júnior, Fábio José Bechara Sanchez,
Fabiana Luci de Oliveira e Syntia Alves.*

